

## ESTUDO ETNOORNITOLÓGICO NO DISTRITO RURAL DE FLORESTINA, MUNICÍPIO DE ARAGUARI, REGIÃO DO TRIÂNGULO MINEIRO, MINAS GERAIS

SHIRLEY M. DE ALMEIDA<sup>1</sup>, ALEXANDRE G. FRANCHIN<sup>2</sup> & OSWALDO MARÇAL JÚNIOR<sup>2\*</sup>

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Bacharelado em Ciências Biológicas, Instituto de Biologia, Universidade Federal de Uberlândia.

<sup>2</sup>Laboratório de Ornitologia e Bioacústica, Instituto de Biologia, Universidade Federal de Uberlândia, Campus Umuarama, Rua Ceará, s/n, CEP 38.400-902, Uberlândia, MG, Brasil (marcaljr@ufu.br)

\*Author for correspondence.

**(Estudo etnoornitológico no distrito rural de Florestina, município de Araguari, região do Triângulo Mineiro, Minas Gerais)** – Este estudo teve por objetivo avaliar conhecimentos sobre a avifauna de Cerrado entre moradores do distrito rural de Florestina (Araguari, MG) e registrar critérios de identificação e nomenclatura utilizados por esses indivíduos. A pesquisa foi realizada de janeiro de 2002 a julho de 2003, utilizando-se uma abordagem qualitativa. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com 12 indivíduos da comunidade. Para os indivíduos que apresentaram os melhores níveis de conhecimento foram apresentadas imagens e/ou cantos de 79 espécies de aves. O material visual consistiu de pranchas (12X10 cm) contendo imagens de 66 espécies. O material acústico foi composto por uma compilação de 33 vozes de aves, gravadas em CDs. Também foram realizados testes para avaliar a capacidade dos informantes em associar vozes e imagens, empregando 20 espécies selecionadas da avifauna do cerrado. As respostas foram categorizadas e analisadas. Os entrevistados mostraram uma percepção bastante apurada sobre a biologia das aves da região. A identificação foi feita primariamente por meio de critérios morfológicos (cor, forma e tamanho). Os entrevistados nomearam 87 etnoespécies e os nomes populares foram baseados principalmente em cantos e comportamentos. Os informantes identificaram cerca de 54% das ilustrações e 68% dos cantos. A identificação acústica foi mais ampla e melhor que a visual. O conhecimento mostrado pelo grupo foi muito rico, mas vem se perdendo pela falta de transmissão cultural.

**Palavras-chave:** Etnobiologia, etnozoologia, aves, conhecimento tradicional, etnotaxonomia.

**(Ethnoornithological study in the rural district of Florestina, municipality of Araguari, Triângulo Mineiro region, Minas Gerais State)** – The objective of this study was to evaluate the knowledge of Cerrado avifauna among dwellers of the rural district of Florestina (Araguari, State of Minas Gerais) and to register the criteria of identification and nomenclature used by these people. The research was conducted from January 2002 to July 2003, using a qualitative approach. Semi-structured interviews were done with twelve individuals from the community. We presented images and songs of 79 species of birds to the individuals to gauge their level of bird knowledge. The visual material consisted of boards (12x10 cm), containing images of 66 species. The acoustic material consisted of a compilation of 33 bird call recordings on compact discs. Tests were also accomplished to evaluate the capacity of the informers in associating voices and images, using 20 selected species of the Cerrado avifauna. The information was classified and analyzed. The interviewees showed a select perception on the biology of the birds of the area. The identification was made primarily by means of morphologic approaches (color, forms and size). The interviewees named 87 ethnospecies and the popular names were mainly reflected in songs and behaviors. Key informers identified about 54% of the illustrations and 68% of the songs. Acoustic identification was wider and better than visual identification. The knowledge demonstrated by the group was very rich, but their knowledge is threatened by the lack of cultural transmission.

**Key words:** Ethnobiology, ethnozoology, birds, traditional knowledge, ethnotaxonomy.

### INTRODUÇÃO

A etnobiologia é a ciência que procura compreender como comunidades tradicionais (indígenas, quilombolas, pescadores e agricultores) percebem, classificam e constroem o ambiente (VAYDA & RAPPAPORT, 1968; BERLIN, 1973; BEGOSSI, 1993). Nas últimas décadas, várias pesquisas etnobiológicas foram realizadas no Brasil, especialmente em etnobotânica (EMMERICH & VALLE, 1991, JARDIM & STEWART, 1994; RODRIGUEZ & CASTRO, 1996; SOTÃO & FIGUEIREDO, 1996) e etnoecologia (ANSERSON & POSEY, 1985; HÖEFLE, 1990). Estudos dessa natureza são considerados fundamentais para o entendimento das relações estabelecidas entre o homem e o meio natural, o que, por sua vez, tem grande significado para o manejo e manutenção de unidades de conservação (BEGOSSI, 1998).

Entre as chamadas “etnociências” (VILLARMAR *apud* MARQUES, 1998), inclui-se a etnoornitologia, que aborda o conhecimento popular sobre as aves, animais representados por cerca de 9.700 espécies no mundo e por quase 1.700 no Brasil (SICK, 1997). Todas as aves têm o corpo coberto por penas, a maioria delas tem hábitos diurnos, muitas têm cores conspícuas e/ou vocalizações facilmente identificáveis. Além disso, podem ser encontradas em praticamente todos os ambientes, sejam eles naturais ou modificados pelo homem (MARÇAL JÚNIOR & FRANCHIN, 2003). Essas características, entre outras, fazem das aves um grupo bastante familiar e de grande interesse em termos do conhecimento empírico.

Vários aspectos do conhecimento etnoornitológico têm sido investigados, incluindo taxonomia, ecologia e comportamento (DIAMOND, 1966, 1994; JENSEN, 1985; BOSTER *et al.*, 1986; TEIXEIRA, 1992; MARQUES, 1998;

CADIMA & MARÇAL JUNIOR, 2004). Alguns desses trabalhos são considerados referenciais, como o realizado por DIAMOND (1966) na Nova Guiné, no qual o autor revelou a íntima relação estabelecida entre os caçadores locais e as aves da região, reconhecidas principalmente por meio das vocalizações. Outro marco é representado pelo estudo de RAVEL (1992) nas Filipinas. Segundo MARQUES (1998), esse estudo mostra que “a ornitonímia tem fortes raízes na imitação dos cantos das aves e há todo um gênero musical baseado na imitação vocal e instrumental desses cantos”.

A literatura etnoornitológica de cunho científico foi inaugurada em nosso país por JENSEN (1985), com pesquisa realizada na Amazônia. TEIXEIRA (1992) publicou artigo sobre a prática da mudança de coloração das penas de psitacídeos, processo conhecido como “tapiragem”, executada por indígenas sulamericanos. MARQUES (1998) investigou camponeses do baixo São Francisco (Alagoas), avaliando aspectos do etnoconhecimento sobre o comportamento de aves, tido como enciclopédico. CADIMA & MARÇAL JÚNIOR (2004), em trabalho realizado no distrito rural de Miraporanga (Uberlândia, MG), investigaram os critérios usados pela comunidade local para identificar e nomear aves, demonstrando que espécies empregadas para consumo, comércio e as prejudiciais às lavouras são mais facilmente reconhecidas e que caracteres morfológicos são os mais utilizados na identificação.

A despeito da relevância dos estudos etnobiológicos, pouca atenção tem sido dada a essa linha de pesquisa na região do Triângulo Mineiro. Além da pesquisa etnoornitológica realizada por CADIMA & MARÇAL JÚNIOR (2004), somente um outro trabalho foi concluído na área até o momento. RIBEIRO & MARÇAL JÚNIOR (1996) avaliaram os princípios etnobiológicos utilizados pela comunidade rural de Cruzeiro dos Peixotos (Uberlândia, MG) na classificação e nomenclatura de artrópodes, mostrando que todas as 97 espécies pesquisadas foram reconhecidas e nomeadas, e que os grupos com maior significado cultural foram mais facilmente identificados. O presente estudo pretende diminuir essa lacuna ao avaliar o conhecimento etnoornitológico de um grupo de moradores do distrito rural de Florestina (Araguari, MG), verificando os critérios utilizados pelos mesmos para identificar e nomear aves e resgatando elementos desse etnoconhecimento.

## MATERIAL E MÉTODOS

### Área de estudo

O município de Araguari (18°31'59,5" S; 48°11'35,5" O) está situado a oeste do estado de Minas Gerais, na região do Triângulo Mineiro, a uma altitude de 941 metros. Apresenta relevo pouco acidentado, sendo constituído por chapadões cortados por vales mais ou menos profundos, característicos do Planalto Central. A vegetação é predominantemente savânica, desenvolvendo-se em áreas de predominância de solos basálticos (A & M CONSULTORES ASSOCIADOS LTDA, 1998). A população de Araguari tem cerca de 150.000 habitantes, dos quais 9.200

se distribuem na área rural (IBGE, 2000).

O distrito rural de Florestina está localizado ao norte de Araguari, próximo à divisa com o município de Catalão (GO). Trata-se de uma típica localidade rural, com um pequeno povoado e fazendas e sítios ao seu redor. Possui energia elétrica, um estabelecimento comercial, uma capela, um campo de futebol e uma escola pública, atualmente desativada. A comunidade inclui vários antigos moradores, nascidos e criados na região, que mantêm um contato diário com os ambientes naturais do cerrado.

### Procedimentos

A pesquisa foi realizada no período de janeiro de 2002 a julho de 2003, tendo uma abordagem qualitativa, investigando-se aspectos do conhecimento popular, significados culturais e relação do conhecimento empírico com o conhecimento científico.

Inicialmente, foram realizadas visitas de reconhecimento da área de estudo, durante as quais foram estabelecidos contatos prévios com os moradores, e obtidas informações sobre hábitos e costumes locais. Esses contatos foram facilitados por uma ex-moradora do distrito, mulher de meia idade e natural de Florestina, que introduziu os pesquisadores na comunidade.

Foram escolhidos 12 informantes, seis de cada sexo, para participar da pesquisa (Tabela 1). Esses indivíduos foram selecionados, considerando-se os seguintes critérios: origem rural; não ter acesso a informações especializadas sobre aves; e disposição em colaborar com o trabalho. Para garantir sigilo quanto à identidade dos informantes, foram conferidos pseudônimos a cada um.

Entrevistas semi-estruturadas (MINAYO, 1993) foram conduzidas para identificar os critérios usados pelos informantes para identificar e nomear as espécies de aves, além da obtenção de informações sobre a história natural do referido grupo animal. O questionário utilizado nessa entrevista foi composto por 16 questões discursivas e de múltipla escolha (Anexo 1). Esse instrumento foi estruturado com base em CADIMA & MARÇAL JÚNIOR (2004) e nos resultados de pré-teste efetuado pelos pesquisadores.

Os resultados obtidos na etapa anterior permitiram selecionar os indivíduos que apresentaram os melhores conhecimentos sobre a avifauna da região (Tabela 1). Imagens e cantos de 79 espécies de aves foram apresentados a esses informantes-chave (“key informants”), para que eles procurassem identificar e nomear as espécies, esclarecendo os critérios utilizados nesse processo. O material visual utilizado consistiu de pranchas (12X10 cm) de fundo negro, contendo imagens de 66 espécies de aves, incluindo 60 espécies do Cerrado e seis exóticas (Anexo 2).

As imagens utilizadas foram copiadas de guias de campo (HÖFLING & CAMARGO, 1996; DE LA PEÑA & RUMBOLL, 1998). O material acústico foi composto por uma compilação de 33 vocalizações de aves, gravadas em *Compact Disc* (CD), a partir de obras especializadas de VIELLIARD (1995a, 1995b, 1999) e GONZAGA & CASTIUGLIONI (2001). O material incluiu 30 cantos funcionais (VIELLIARD, 1999) de espécies

da avifauna regional e três de espécies não encontradas na região (controle). Também foram realizados testes para avaliar a capacidade dos informantes em associar vozes e imagens (vocalização/visualização). Para tanto, foram selecionadas 20 espécies, sendo todas da avifauna regional (Anexo 2). Nesse teste, as pranchas eram todas colocadas sobre uma mesa. Após a reprodução de um canto, o informante era solicitado a identificar qual etnoespécie possuía à vocalização, indicando a prancha correspondente. Todos os cantos foram reproduzidos sucessivamente até que nenhuma prancha restasse na mesa. A seleção das espécies que ocorrem na região foi realizada com base em MARINI (2001).

As informações foram categorizadas e analisadas a partir dos princípios etnobiológicos propostos por BERLIN (1973).

Tabela 1. Perfil do grupo pesquisado no distrito de Florestina (Araguari, MG).

Morador	Sexo	Idade	Ocupação	Escolaridade
Bianca*	F	56	Dona de casa	Ensino Fundamental (2ª série)
Fátima	F	40	Dona de casa	Ensino Fundamental (4ª série)
Francisca	F	39	Auxiliar de serviços gerais	Ensino Médio (completo)
Mara	F	64	Dona de casa	Ensino Fundamental (4ª série)
Fátima	F	40	Dona de casa	Ensino Médio (completo)
Natalia	F	57	Dona de casa	Sem escolaridade
Bento	M	69	Fazendeiro	Ensino Fundamental (4ª série)
Bernardo	M	53	Pedreiro	Ensino Fundamental (2ª série)
Caio	M	43	Fazendeiro	Ensino Fundamental (7ª série)
Irineu	M	55	Fazendeiro	Ensino Superior (Economia)
Paulo	M	62	Lavrador	Ensino Fundamental (4ª série)
Zacarias*	M	59	Fazendeiro	Ensino Fundamental (4ª série)

\*Informantes-chave.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Etnoornitologia

Os moradores de Florestina mostraram conhecer diversos aspectos da biologia e da ecologia de aves. Para a maioria dos entrevistados, aves vocalizam com mais frequência pela manhã e à tarde: *Seriema e saracura canta mais tarde, quando o tempo tá fresco com jeito de chuva. Agora, o galo-do-campo não canta* (Mara); *Sai pra passear. À tarde vem para o pouso* (Bento); *Anu e pássaro-preto canta três, quatro horas. Seis horas pára de cantar* (Paulo); *Canta a hora que sente fome, de manhã e quando chove. Galisé canta meia-noite* (Francisca); *Canta de manhã, acorda felizes* (Irineu). Além disso, os meses de setembro a

dezembro foram indicados como os de maior ocorrência de aves na região: *A rolinha entre setembro e outubro, época que chove* (Bento); *Na seca não vê angola e outros pássaros* (Paulo); *Mês de frutas, de manga, milho* (Caio).

Nas comunidades rurais brasileiras são encontrados indivíduos com alto grau de conhecimento ornitológico, o que inclui saberes sobre comportamentos, vocalizações, reprodução, mitos e lendas (SICK, 1997; MARQUES, 1998). De acordo com SICK (1997), *Aramides cajanea* (Muller, 1776) (saracura) emite coros notáveis ao longo de todo o ano, especialmente ao entardecer, de madrugada e durante as chuvas. *Cariama cristata* (Linnaeus, 1766), a seriema, vocaliza intensamente nos períodos que antecedem as chuvas. O canto do *Mimus saturninus* Lichtenstein, 1823 (sabiá-do-campo) atrai tão pouca atenção que a espécie geralmente passa por não cantar ou cantar mal. E de fato, os picos de atividade, da maioria das espécies de aves, ocorrem nas primeiras horas da manhã e nas últimas da tarde.

A estação chuvosa tem início no final do ano no Triângulo Mineiro, o que corresponde ao momento de maior atividade reprodutiva das aves. De modo geral, em todo o Brasil, a época de reprodução das aves se estende de setembro a janeiro, com uma maior concentração em outubro, sendo que o principal fator que condiciona esse período é a fartura de alimento que facilita a criação da prole. O começo das chuvas provoca um forte aumento de insetos e o final da seca promove maior abundância de frutas (SICK, 1997).

Em relação à reprodução das aves, destacamos as seguintes falas: *Seriema quando canta é porque tá chocando, tá namorando. Galo é gentil, tarado querendo as galinhas. Chamou elas pra ver o bichinho, carinhoso, ajuda a arrumar o ninho. O sexo é rápido. Não é bom pai, não cuida, bate nos filhotes. Sabiá choca no pé-de-laranja* (Noêmia); *Seriema carrega um monte de galhos. Tem dois, três filhotes. Melro choca no ninho de outro. Pássaro-preto não cuida. O outro que cuida. Sabiá-peito-roxo faz ninho na bananeira* (Paulo); *Gavião pega ovos para sustentar filhotes. O guaxo faz ninho dependurado* (Irineu).

No início da reprodução, *C. cristata* (seriema) vocaliza já antes de clarear o dia, nidifica sobre as árvores, construindo um ninho com gravetos e galhos frágeis; põe de dois a quatro ovos. *Gnorimopsar chopi* Vieillot, 1819 (pássaro-preto ou melro) consegue adaptar-se a várias condições para nidificar. *Turdus* (sabiás) freqüentemente se instalam sobre tocos de bananeira, arbustos e árvores. As aves da família Icteridae, como o guaxo, tecem uma bolsa suspensa em um galho, em árvores de tronco liso e alto (SICK, 1997; ANDRADE, 1997).

Segundo os entrevistados, a alimentação das aves é bastante diversificada, sendo representada por *fruta, minhoca, bichinho, sementes, carniça e/ou pedra*. Além disso, também é específica para cada etnoespécie. Assim: *Tucano come mamão* (Zacarias); *Saracura come ovo e pintinho* (Francisca) (Tabela 2). Comparando-se essas descrições com as que se encontram na literatura, verifica-se uma acentuada correlação entre o conhecimento apresentado e o científico (SANTOS, 1979; ANDRADE, 1997; SICK, 1997).

Tabela 2. Comparação entre conhecimento popular e científico sobre o comportamento alimentar de aves no Cerrado (Distrito de Florestina, Araguari/MG).

Etnoespécie	Espécie Científica	Etnodescrição do comportamento alimentar	Descrição científica do comportamento alimentar*
Gralha	<i>Cyanocorax cristatellus</i>	<i>Pega os ovos; Fura o ovo e chama os outros; Vem comer ovo</i>	Fura até ovos de galinha para ingeri-los
Pássaro-preto	<i>Gnorimopsar chopi</i>	<i>Ataca as lavouras</i>	Bandos de “pássaros-pretos” destroem arrozais
Saracura	<i>Aramides cajanea</i>	<i>Come ovo e pintinho</i>	Pilham ovos de outras aves
Guaxo	<i>Icterus jamacaii</i>	<i>Laranja</i>	Alimento misto, dependendo da época do ano
Tucano	<i>Ramphastos toco</i>	<i>Mamão; Fica no pé de acerola</i>	Gostam de frutas
Urubu	<i>Coragyps atratus</i>	<i>Carniça</i>	Alimentam-se de detritos, restos e carcaças de animais mortos
Seriema	<i>Cariama cristata</i>	<i>Inseto</i>	Come gafanhotos e outros artrópodes, roedores, calangos e outros pequenos animais
Sabiá-do-campo	<i>Mimus saturninus</i>	<i>Come pimenta</i>	Onívoros, comem tanto insetos e aranhas como frutinhas e sementes
Beija-flor	<i>Colibri serrirostris</i>	<i>Vem nas flores</i>	A base de sua alimentação é o néctar

\*Fonte: SANTOS (1979), SICK (1988) e ANDRADE (1997).

Dentre os aspectos comportamentais relatados pelos informantes, vale destacar o comportamento social que pode ser exemplificado pelas seguintes falas: *Graia só anda de turma. Seriema não anda sozinha, sempre está com mais um* (Noêmia).

Bandos de gralhas, de cinco a doze, são comumente observados nos campos e cerrados (ANDRADE, 1997). Segundo SICK (1997), *C. cristata* forma casais ou pequenos bandos e o comportamento de empoleirar-se para pernoitar é freqüente.

### Ornitoáugures

Algumas histórias populares correspondem às características realmente existentes nas espécies consideradas e outras não passam de fruto da imaginação das pessoas. MARQUES (1998) chama de ornitoáugures os sons emitidos pelas aves e interpretados culturalmente, dividindo-os em cinco categorias que, talvez, sejam universais: ornitoáugures funéreos (prenunciam morte), ornitoáugures funestos (prenunciam desgraças), ornitoáugures societários (prenunciam visitas, encontros, etc.), ornitoáugures meteóricos (prenunciam mudanças de tempo e clima) e ornitoáugures fantásticos (prenunciam contatos com o sobrenatural).

Na comunidade investigada foram observados ornitoáugures meteóricos: *Rolinha-roxa chama chuva. Sabiá é sinal de chuva. Cuá, quando canta, é coisa ruim. Canta fora de hora, triste* (Bento); *Seriema e saracura canta mais tarde, quando o tempo tá fresco com jeito de chuva* (Mara). Exemplos de ornitoáugures funestos e funéreos são: *Coruja quando canta na casa da pessoa é que vai morrer um dois meses depois* (Bernardo); *Acauã olha na gente e dá uma risada feia* (Natalia); *Cuã é chama-defunto. Quando canta vai morrer alguém. Povo fala que já aconteceu. Coruja*

*fala que é coisa ruim* (Noêmia); *Minha mãe contou que quando cauã canta, morre alguém de casa* (Bianca).

Segundo SICK (1997), “a voz de muitas aves é considerada pelo povo como um prenúncio de chuva”. O referido autor enfatiza que essa relação pode ser feita no caso de algumas espécies, nas quais fatores climáticos, sobretudo a umidade, exercem considerável influência tanto sobre a atividade reprodutora quanto sobre o canto.

Acauã é considerada ave de agouro, sendo o seu canto associado com o infortúnio (SANTOS, 1979). Corujas, por serem de vida noturna, tornaram-se misteriosas e temidas, recebendo a fama de agourentas (SICK, 1997). *Tyto alba* Scopoli, 1769 (suindara) é considerada áugure pela população do baixo São Francisco, pesquisada por MARQUES (1998). Sua manifestação acústica é como “um aviso de morte inevitável e iminente”. Segundo FORTH (1998), vários animais noturnos, inclusive corujas, são classificados como *po* e todos são considerados augurais, enquanto os diurnos não o são. Assim, o fato da coruja cantar quatro vezes representaria um mau presságio para a população, enquanto o cantar cinco vezes seria um sinal de agouro para “outra população”; ainda, conforme o chamado da ave, o presságio seria para a mulher ou para o homem.

Credences de caráter religioso igualmente merecem atenção: *O bem-te-vi canta: ‘bem-te-vi-Maria-José’. Não é abençoado. Pombinha na Bíblia é abençoada. Produz muito por isso* (Noêmia). Em Alagoas, essa mesma lenda circula e o bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus* Linnaeus, 1766) é visto como “um demônio traidor de Cristo”, pois a repetição de seu canto é que teria mostrado aos soldados de Herodes o percurso da fuga da sagrada família para o Egito (MARQUES, 1998). É interessante notar que algumas dessas credences podem resultar em uma maior proteção

para certas espécies de aves, como urubus e seriemas: *Se matar urubu, tem sete anos de atraso* (Natalia); *Não pode mexer no ninho de seriema porque se perde e não consegue voltar pra casa* (Zacarias).

### Etnotaxonomia

Os entrevistados relataram 87 etnoespécies (Anexo 3). Os principais atributos empregados para nomear as etnoespécies foram canto (e.g., bem-te-vi e acauã) e comportamento (e.g., João-de-Barro, papa-capim, beija-flor, come-ovo, mulata-boiadeira, martim-pescador, pica-pau). Isso evidencia a forte tendência aos nomes onomatopéicos. BERLIN & O'NEILL *apud* FORTH (1998) apontam que nomes onomatopéicos formam uma alta proporção da nomenclatura etnoornitológica.

A maioria dos entrevistados utilizou apenas um nome para as etnoespécies. As três espécies de beija-flor empregadas não receberam especificação, sendo todas chamadas de “beija-flor” ou “beijinha”. Beija-flor-tesoura (*Eupetomena macroura* [Gmelin, 1788]) e tesourinha (*Tyrannus savanna* [Vieillot, 1819]) foram confundidas. As duas espécies de garças (*Casmerodius albus* [Gmelin, 1789] e *Egretta thula* [Molina, 1782]) foram reconhecidas apenas como “garças”. Já o anu-preto (*Crotophaga ani* Linnaeus, 1758) e o anu-branco (*Guira guira* [Gmelin, 1788]) foram separados com os respectivos adjetivos.

Penas, bico e a aptidão de voar foram características mais citadas pelos entrevistados para identificação das aves. Para a discriminação dos “tipos” de aves, foram utilizadas cores e/ou tamanhos. Machos e fêmeas foram diferenciados principalmente pelo tamanho do corpo, da cabeça ou do bico: *A fêmea é sempre menor que o macho* (Bernardo); *No papagaio, a fêmea tem o bico mais comprido e o macho tem o bico mais curto, redondo* (Bianca); *A fêmea é menor, tem cabeça fina e bico reto, o macho tem o bico curvo* (Paulo). A cor, porém, também foi destacada: *No canário, o macho é amarelo e a fêmea é parda* (Natalia). Os informantes relataram ainda que filhotes podem ser distinguidos dos adultos principalmente pela plumagem: *Vai empenando* (Mara); *A pena muda de cor* (Francisca).

O voo das aves é uma perfeita adaptação adquirida durante o processo evolutivo, sendo que penas e bicos são adaptações morfológicas para o voo e características distintas da classe (SICK, 1997; ANDRADE, 1997). O padrão de coloração da plumagem é discriminante nas aves com dimorfismo sexual (ANDRADE, 1997). A maioria das aves nasce nua, sendo coberta, dias depois, por uma penugem e só mais tarde pelas penas definitivas, que podem vir após uma segunda ou terceira plumagem (SICK, 1997).

De acordo com BERLIM (1973), os principais critérios utilizados na etnotaxonomia biológica são os morfológicos e, geralmente, uma única característica, tal como cor ou tamanho, é suficiente para diferenciar duas ou mais etnoespécies. Essas mesmas características foram destacadas por CADIMA & MARÇAL JÚNIOR (2004) na identificação popular de aves em outra comunidade rural de Uberlândia.

Na identificação visual, espécies como *Coereba*

*flaveola* (Linnaeus, 1758) (caga-sebo) e *Euphonia chlorotica* (Linnaeus, 1776) (vivi) não foram reconhecidas. *Dacnis cayana* (Linnaeus, 1776) (saí-azul) foi trocada por *Thraupis* sp. (sanhaço). *Pyrocephalus rubinus* Boddaert, 1783 (príncipe) foi identificada como *Ramphocelus bresilius* (Linnaeus, 1766) (sangue-de-boi): *Parece, é vermelhinho, mas é diferente. O sangue-de-boi é maior* (Zacarias). *Tyrannus melancholicus* Vieillot, 1808 (suiriri) foi identificada como *Pitangus sulphuratus*. Em parte, esses erros de identificação etnotaxonômica podem ser atribuídos à dificuldade de visualização das pranchas pelos informantes.

A identificação sonora também foi empregada pelos informantes de Florestina: *Sabiá-laranjeira canta: ‘tem-dó-senhor, tem-dó’*. *E sabiá-branco só: ‘dó-senhor’* (Noêmia); e *Bem-te-vi fala direitinho* (Bento). *Turdus rufiventris* Vieillot, 1818 (sabiá-laranjeira) chama atenção pela seqüência de notas simplificadas e monótonas. *Turdus leucocomelas* Vieillot, 1818 (sabiá-branco) possui um canto contínuo, menos forte e composto de motivos relativamente simples repetidos uma a duas vezes (SICK, 1997). ANDRADE (1997) destaca a “popularidade” de *P. sulphuratus* pelo seu canto, pelo anúncio freqüente do seu nome.

*Vanellus chilensis* Gmelin, 1789 (quero-quero) foi confundido com *Theristicus caudatus* Boddaert, 1783 (curicaca) tanto na identificação visual quanto na acústica. A vocalização do primeiro é um repetido “tero-tero”, emitido dia e noite, enquanto a curicaca emite gritos fortes, curtos, “kí-kí-kí”, “go-gí”, “tau-táko” (SICK, 1997). Visualmente, os informantes não reconheceram nem o quero-quero e nem a curicaca. *Synallaxis frontalis* Pelzeln, 1859 (garrincha) foi identificada acusticamente e nomeada como “troqui” e “tiotrondo” por seu canto ser onomatopéico. Os nomes dessas etnoespécies são semelhantes aos encontrados na literatura (SICK, 1997).

Na segunda fase da pesquisa, os informantes-chave identificaram cerca de 54% das figuras e 68% dos cantos. Este resultado mostra que a percepção dos informantes é boa, sendo a identificação sonora tão ampla quanto a visual. Os exemplares usados como controle tanto na identificação visual quanto na vocal não foram reconhecidos, como já era esperado: *Não conheço. Já ouvi, mas deve ser na televisão* (Bianca); *Passarim de roupa, nunca vi* (Zacarias).

Dentre as etnoespécies mais facilmente reconhecidas tanto visual quanto acusticamente, estão: papagaio-verdadeiro (*Amazona aestiva* Linnaeus, 1758), saracura (*A. cajanea*), periquito (*Brotogeris chiriri* Vieillot, 1817), seriema (*C. cristata*), pomba-asa-branca (*Columba picazuro* Temminck, 18113), João-de-Barro (*Furnarius rufus* Gmelin, 1788), bem-te-vi (*P. sulphuratus*), tucano (*Ramphastos toco* Müller, 1776), canário (*Sicalis flaveola* Linnaeus, 1766) e sabiá-laranjeira (*T. rufiventris*). Essas etnoespécies incluem aves que, segundo os informantes, servem para o consumo (e.g., seriema e saracura), provocam prejuízos (e.g., pássaro-preto e tucano) ou são conhecidas pela beleza do canto (e.g., canário e sabiá).

As espécies de maior significado cultural para uma comunidade geralmente são as mais perfeitamente reco-

nhecidas (BERLIN, 1973). De modo geral, os trabalhos etnobiológicos têm confirmado essa tendência. No estudo de RIBEIRO & MARÇAL JÚNIOR (1996), as espécies de artrópodes que acarretavam prejuízos às lavouras ou as envolvidas em credices foram as mais facilmente identificadas pela comunidade estudada. Segundo CADIMA & MARÇAL JÚNIOR (2004), as aves mais facilmente identificadas são aquelas usadas para consumo, comércio e as prejudiciais às lavouras.

Embora algumas espécies de aves realmente possam se constituir em pragas de lavouras (e.g., pombas), não se pode deixar de reconhecer a importância que esses animais têm para o homem. Há uma longa e íntima relação entre as aves e os seres humanos. Elas estão presentes na mitologia, na história, nas artes, nas ciências, no dia-a-dia e no imaginário de vários povos, culturas e civilizações, desde a pré-história até os tempos contemporâneos. Muitas delas são utilizadas pela humanidade como recurso alimentar, já que são consumidos tanto ovos quanto adultos de várias espécies (e.g., galinhas, perus e faisões). Também representam uma fonte ornamental importante, uma vez que as penas (e.g., pavões, avestruzes e araras) são amplamente utilizadas como enfeites e adornos por culturas tradicionais e modernas. E até mesmo alguns dos seus subprodutos têm grande valia, como os excrementos transformados em adubo orgânico (e.g., andorinhões, galinhas e patos). Além disso, aves desempenham papéis fundamentais na manutenção de diversos ecossistemas, atuando como: polinizadores (e.g., beija-flores); dispersores de sementes e frutos (e.g., pintassilgos, sanhaços e sabiás); predadores (e.g., gaviões e corujas), controladores biológicos de pragas (e.g., andorinhas, codornas e curiangos), entre outros (ANDRADE, 1997; MARÇAL JÚNIOR & FRANCHIN, 2003).

### Etnoconservação

Segundo alguns dos indivíduos entrevistados, as aves diminuíram na região nos últimos anos: *Tinha muita coisa, agora acabou. Tinha com fartura, sumiu por causa dos venenos* (Paulo); *Uns passarinho sumiu, não sei nem porquê* (Bento).

ANDRADE (1997) aponta vários fatores que podem ameaçar a avifauna, incluindo o uso indiscriminado de agrotóxicos. O Triângulo Mineiro é uma das regiões do estado mais intensamente pressionadas pelo desenvolvimento humano, sobretudo pela extensão da fronteira agrícola, crescimento populacional e industrialização. Essas atividades vêm provocando grande fragmentação de matas na região, pressionando a avifauna regional (MARINI, 2001). O cerrado é uma das áreas de preservação prioritárias no Brasil (PROBIO, 2002). Nesse sentido, os conhecimentos e a participação popular ganham maior dimensão para a criação de unidades de conservação e planos de manejo.

Cerca de 50% dos entrevistados afirmaram que não contam as histórias que conhecem sobre aves para seus filhos e/ou netos: *Isso é coisa dos antigos, é só estória* (Bento). HALMO *et al.* (1993) ressaltam que, em geral, as comunidades estudadas não têm consciência ou, pelo menos, não sabem reconhecer a importância de seus próprios sistemas culturais. Esse é um fato preocupante, pois evidencia que os ricos conhecimentos sobre aves mostrados pelos informantes neste trabalho, certamente uma pequena parcela do etnoconhecimento acumulado ao longo das gerações nas comunidades tradicionais do Cerrado, tende a desaparecer, reforçando a necessidade de desenvolvimento de pesquisas que possam resgatar essa cultura.

Conclui-se que o grupo de moradores pesquisados tem uma percepção bastante apurada sobre a avifauna da região. Aves são identificadas primariamente por critérios morfológicos (cor, forma e tamanho) e nomeadas, principalmente, a partir dos cantos e comportamentos. A falta de transmissão cultural desses conhecimentos pode resultar no seu desaparecimento, sendo fundamental preservá-los e valorizá-los.

### AGRADECIMENTOS

À Secretaria Municipal de Meio Ambiente da Prefeitura de Araguari pelo apoio no desenvolvimento das atividades de campo, e aos moradores do distrito rural de Florestina, em especial aos informantes, pelo modo carinhoso com que nos receberam em sua comunidade e pela participação na pesquisa.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A & M CONSULTORES ASSOCIADOS LTDA. 1998. **Conselho Deliberativo do Sebrae-MG, Projeto Desenvolvimento Setorial e Regional**. Belo Horizonte: Sebrae.
- ANDERSON AB & DA POSEY. 1985. Manejo de cerrado pelos índios Kayapó. **Bol. do Mus. Para. Emílio Goeldi** 2(1): 77-98.
- ANDRADE MA. 1997. **Aves silvestres: Minas Gerais**. 2ª ed. Belo Horizonte: Ed. Littera Maciel.
- BEGOSSI A. 1993. Ecologia humana: um enfoque das relações homem-ambiente. **Interciência** 18(1): 121-132.
- BEGOSSI A. 1998. Extractive reserves in the Brazilian Amazon: an example to be followed in the Atlantic forest? **Ciência e Cultura** 50:24-28.
- BERLIN B. 1973. Folk systematics in relation to biological classification and nomenclature. **Ann. Rev. Ecol. Sys.** 6:259-271.
- BOSTER J, B BERLIN & J O'NEILL. 1986. The correspondence of Jivaroan to scientific ornithology. **American Anthropologist** 88: 569-83.
- CADIMA CI & O MARÇAL JÚNIOR. 2004. Notas sobre etnoornitologia na comunidade do distrito rural de Miraporanga, Uberlândia, MG. **Bioscience Journal** 20 (1): 83-94.
- DE LA PEÑA MR & M RUMBOLL. 1998. **Birds of Southern South America and Antarctica**. 1ª ed. Itália: Harper-Collins Publishers Ltd.
- DIAMOND JM. 1966. Zoological classification system of a primitive people. **Science** 15: 1102-1104
- DIAMOND JM. 1994. Stinking birds and burning books. **Natural History** 103: 4-12.
- EMMERICH M & L DE S VALLE. 1991. Estudos de etnobotânica no Parque Indígena do Xingu. VII - Plantas abortivas, anticoncepcionais, conceptivas e sexo - determinantes. **Boletim do Herbarium**

- Bradeanum** 6 (2): 13-20.
- FORTH G. 1998. Things that go *po* in the night: The classification of birds, sounds, and spirits among the Nage of Eastern Indonesia. **Journal of Ethnobiology** 18(2): 189-209.
- GONZAGA L & G CASTIUGLIONI. 2001. **Aves das montanhas do sudeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Arquivo sonoro Prof. Elias Coelho.
- HALMO DB, RW STOPFLE & MJ EVANS. 1993. Paitu Nanasuagaindu Pahonupi (Three Sacred Valleys): cultural significance of Gosiute, Paiute, and Ute plants. **Human Organization** 52(2): 142-150.
- HÖEFLE SW. 1990. O sertanejo e os bichos: cognição ambiental na zona semi-árida nordestina. **Revista de Antropologia** 33: 47-73.
- HÖFLING E & HF DE A CAMARGO. 1996. **Aves do Campus**. 2ª ed. São Paulo: Edusp.
- IBGE. 2000. **Anuário Estatístico**.
- JARDIN M & PJ STEWART. 1994. Aspectos etnobotânicos e ecológicos de palmeiras no município de Novo Airão, estado do Amazonas, Brasil. **Bol. Mus. Para. Emílio Göeldi** 10 (1): 69-76. Série Botânica.
- JENSEN AA. 1985. **Sistemas indígenas de classificação de aves: aspectos comparativos, ecológicos e evolutivos**. Tese de Doutorado. Instituto de Biologia. Unicamp, Campinas.
- MARÇAL JÚNIOR O & AG FRANCHIN. 2003. Aves, do latim avis, p. 105-125. In: DEL CLARO & PREZOTO (eds.). **As distintas faces do comportamento animal**. Jundiaí: Sociedade Brasileira de Etologia/Livraria Conceito.
- MARINI MA. 2001. Effects of forest fragmentation on birds of the cerrado region. **Bird Conservation International** 11: 11-23.
- MARQUES JGW. 1998. "Do canto bonito ao berro do bode": percepção do comportamento de vocalização em aves entre camponeses alagoanos. **Revista de Etologia** (n. especial): 71-85.
- MINAYO MC DE S. 1993. Fase exploratória da pesquisa & Fase de trabalho de campo, p.189-196. **O desafio do conhecimento—Pesquisa qualitativa em saúde**. 2ª ed. São Paulo: HUCITEC—Abrasco.
- PROBIO. 2002. **Projeto de conservação e utilização sustentável da diversidade biológica brasileira: relatório de atividades**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente.
- RAVEL N. 1992. **Flerus de paroles. Historie naturelle Palawan III: Chants d'amours, chants d'oiseaux**. Paris: Peetres/SELAF.
- RIBEIRO SC & O MARÇAL JÚNIOR. 1996. Aspectos da taxonomia popular de artrópodes, na comunidade de Cruzeiro dos Peixotos (Uberlândia-MG) I - Identificação e Nomenclatura. **R. Cent. Ci. Bioméd. Univ. Fed. Uberlândia** 12 (1):13-18.
- RODRIGUEZ SM & O CASTRO. 1996. Evaluacion farmacológica y química de *Stachytarpetta jamicensis* (Verbenaceae). **Revista Biologia Tropical** 44 (2): 353-359.
- SANTOS E. 1979. **Da ema ao beija-flor**. 1ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia.
- SICK H. 1997. **Ornitologia brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- SOTÃO HM & TS FIGUEIREDO. 1996. Utilização do fungo *Pynoporus sanguineus* (L. FR) MURR. na cerâmica do Maruanum, Amapá. **Bol. do Mus. Para. Emílio Göeldi** 12 (1): 15-20. Série Botânica.
- TEIXEIRA DM. 1992. Perspectiva da etno-ornitologia no Brasil: o exemplo de um estudo sobre "tapiragem". **Bol. do Mus. Para. Emílio Göeldi** 8(1): 113-121. Série Zoologia.
- VAYDA AP & RA RAPPAPORT. 1968. Ecology, cultural e noncultural, p.477-497. **Introduction to cultural anthropology**. Boston: Houghton Mifflin Company.
- VIELLIARD J. 1995a. **Guia Sonoro das aves do Brasil. CD 1**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, MMS Estúdio.
- VIELLIARD J. 1995b. **Canto de aves do Brasil**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, MMS Estúdio.
- VIELLIARD J. 1999. **Aves do Pantanal**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, MMS Estúdio.

ANEXO 1. Modelo do questionário de avaliação de aspectos etnobiológicos sobre a história natural das aves, na visão de moradores do Distrito de Florestina (Araguari/MG, 2002-2003).

Número: \_\_\_\_

Data da aplicação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

### 1. Identificação

1.1. Nome:

1.2. Sexo: ( ) masculino ( ) feminino

1.3. Data de nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

1.4. Naturalidade:

1.5. Profissão:

1.6. Escolaridade:

1.7. Tempo de residência na área de estudo:

### 2. Questões

2.1. Qual é a primeira coisa que o(a) Sr.(a) vê em uma ave?

2.2. Como o(a) Sr.(a) faz para diferenciar cada “tipo” de ave?

2.3. Como o(a) Sr.(a) sabe diferenciar macho e fêmea?

2.4. Dos nomes de aves que o(a) Sr.(a) conhece, por que motivo elas os possui?

( ) cor ( ) canto ( ) comportamento ( ) tamanho

2.5. Onde as aves podem ser vistas?

2.6. E em qual horário o(a) Sr.(a) mais vê ou ouve as aves?

2.7. Há uma época do ano que elas aparecem mais?

2.8. Em que época do ano as aves se reproduzem?

2.9. Os filhotes são iguais aos adultos? ( ) sim ( ) não

2.10. Qual é a maior ave que o(a) Sr.(a) conhece? E a menor?

2.11. Todas as aves voam?

2.12. O que as aves comem?

2.13. Como as aves podem ser úteis para o homem?

2.14. O(A) Sr.(a) conhece alguma história de ave?

2.15. O(A) Sr.(a) já contou essa história para alguém (filhos, netos)?

( ) sim ( ) não

2.16. Cite pelo menos 15 aves que o(a) Sr.(a) conhece.

Anexo 2. Espécies de aves utilizadas na pesquisa desenvolvida junto aos moradores do Distrito de Florestina (Araguari/MG, 2003), para identificação visual (VI) e sonora (SO) e na associação de imagens e cantos (AIC).

Nome científico	Nome popular	Identificação		
		VI	SO	AIC
1. <i>Amazona aestiva</i> (Linnaeus, 1758)	Papagaio-verdadeiro	X	X	X
2. <i>Anthracothorax nigricollis</i> (Vieillot, 1817)	Beija-flor-preto	X		
3. <i>Aptenodytes patagonicus</i> Miller 1778	Pingüim-rei	X		
4. <i>Aramides cajanea</i> (Müller, 1776)	Três-potes	X	X	X
5. <i>Brotogeris chiriri</i> (Vieillot, 1817)	Periquito	X	X	X
6. <i>Cariama cristata</i> (Linnaeus, 1766)	Seriema	X	X	X
7. <i>Casmerodius albus</i> (Gmelin, 1789)	Garça-branca-grande	X		
8. <i>Ceryle torquata</i> (Linnaeus, 1766)	Martim-pescador-grande	X		
9. <i>Chloephaga poliocephala</i> Sclater 1857	Ganso	X		
10. <i>Coereba flaveola</i> (Linnaeus, 1758)	Caga-sebo	X		X
11. <i>Colaptes campestris</i> (Vieillot, 1818)	Pica-pau-do-campo	X		
12. <i>Colibri serrirostris</i> (Vieillot, 1817)	Beija-flor-de-orelha-preta	X		
13. <i>Columba picazuro</i> Temminck 1813	Pomba-asa-branca	X	X	X
14. <i>Columbina talpacoti</i> Temminck & Knip 1811	Rolinha-caldo-de-feijão	X		X
15. <i>Coragyps atratus</i> (Lichtenstein, 1818)	Urubu-de-cabeça-preta	X		
16. <i>Crax fasciolata</i> Spix, 1825	Mutum-de-penacho	X		
17. <i>Crotophaga ani</i> Linnaeus, 1758	Anu-preto	X		
18. <i>Crypturellus parvirostris</i> Wagler, 1827	Inhambu-xororó		X	
19. <i>Crypturellus undulatus</i> Temminck, 1815	Jaó		X	
20. <i>Cyanocorax cristatellus</i> (Temminck, 1823)	Gralha-do-campo	X		
21. <i>Cyphorhynchus arada</i> Hermann, 1783	Uirapuru		X	
22. <i>Cyclarhis gujanensis</i> (Gmelin, 1789)	Pitiguari	X	X	X
23. <i>Dacnis cayana</i> (Linnaeus, 1766)	Sai-azul	X		
24. <i>Dendrocygna viduata</i> (Linnaeus, 1766)	Irerê	X	X	X
25. <i>Egretta thula</i> (Molina, 1782)	Garça-branca-pequena	X		
26. <i>Eupetomena macroura</i> (Gmelin, 1788)	Beija-flor-tesoura	X		
27. <i>Euphonia chlorotica</i> Linnaeus, 1776	Vivi (Fifi)	X		
28. <i>Fregata magnificens</i> Mathews, 1915	Fragata	X		
29. <i>Furnarius rufus</i> Gmelin, 1788	João-de-barro	X	X	X
30. <i>Gallinula chloropus</i> Linnaeus, 1758	Frango-d'água	X		
31. <i>Glaucidium brasilianum</i> Gmelin, 1788	Caburé		X	
32. <i>Gnorimopsar chopi</i> Vieillot, 1819	Pássaro-preto (Melro)	X	X	
33. <i>Guira guira</i> (Gmelin, 1788)	Anu-branco	X	X	X
34. <i>Herpetotheres cachinnans</i> (Linnaeus, 1758)	Acauã	X	X	X
35. <i>Icterus cayanensis</i> Linnaeus, 1766	Encontro	X		
36. <i>Icterus jamaicii</i> (Gmelin, 1788)	Sofrê		X	
37. <i>Lipaugus vociferans</i> Wied, 1820	Fri-frió		X	
38. <i>Mimus saturninus</i> Lichtenstein, 1823	Sabiá-do-campo	X		
39. <i>Notiochelidon cyanoleuca</i> Vieillot, 1817	Andorinha-comum	X		
40. <i>Nyctibius griseus</i> (Gmelin, 1789)	Urutau	X		
41. <i>Nyctidromus albicollis</i> Gmelin, 1789)	Curiango	X	X	X
42. <i>Nystalus charuru</i> Vieillot, 1816	João-bobo	X		
43. <i>Oryzoborus angolensis</i> Linnaeus, 1766	Curió		X	
44. <i>Passer domesticus</i> Linnaeus, 1758	Pardal	X		
45. <i>Pelecanus thagus</i> Molina, 1782	Pelicano	X		
46. <i>Penelope supercilialis</i> Temminck, 1815	Jacupemba	X		

Cont.

Nome científico	Nome popular	Identificação		
		VI	SO	AIC
47. <i>Phoenicopterus andinus</i> Philippi, 1854	Flamingo	X		
48. <i>Piaya cayana</i> Linnaeus, 1776	Alma-de-gato	X		
49. <i>Picumnus cirratus</i> Temminck, 1825	Pica-pauzinho	X		
50. <i>Pitangus sulphuratus</i> Linnaeus, 1766	Bem-te-vi	X	X	X
51. <i>Polyborus plancus</i> Gmelin, 1788	Carcará	X		
52. <i>Procnias nudicollis</i> Vieillot, 1817	Araponga	X	X	
53. <i>Pyrocephalus rubinus</i> Boddaert, 1783	Verão (Príncipe)	X		
54. <i>Ramphastos toco</i> Müller, 1776	Tucanuçu	X	X	X
55. <i>Rhea americana</i> Linnaeus, 1758	Ema	X		
56. <i>Rhinoptynx clamator</i> Vieillot, 1807	Coruja-orelhuda	X		
57. <i>Rupornis magnirostris</i> (Bertoni, 1901)	Gavião-carijó	X		
58. <i>Saltator similis</i> Lafresnay & d'Orbigny, 1837	Trinca-ferro-verdadeiro		X	
59. <i>Scardafella squammata</i> Lesson, 1831	Fogo-apagou		X	
60. <i>Sicalis flaveola</i> Linnaeus, 1766	Canário	X	X	X
61. <i>Speotyto cunicularia</i> Molina, 1782	Coruja-buraqueira	X		
62. <i>Sporophila lineola</i> , Linnaeus, 1758	Bigodinho		X	
63. <i>Synallaxis frontalis</i> Pelzeln, 1859	Garrincha		X	
64. <i>Tangara cayana</i> Gmelin, 1789	Saíra-amarela	X		
65. <i>Tapera naevia</i> Linnaeus, 1766	Saci		X	
66. <i>Tersina viridis</i> (Illiger, 1811)	Saí-andorinha	X		
67. <i>Thamnophilus doliatus</i> Linnaeus, 1764	Choca		X	
68. <i>Theristicus caudatus</i> Boddaert, 1783	Curicaca	X	X	X
69. <i>Thraupis sayaca</i> (Linnaeus, 1766)	Sanhaço	X		
70. <i>Troglodytes aedon</i> Vieillot, 1809	Corruíra	X		
71. <i>Turdus amaurochalinus</i> Cabanis, 1851	Sabiá-poca	X		
72. <i>Turdus rufiventris</i> Vieillot, 1818	Sabiá-laranjeira	X	X	X
73. <i>Tyrannus melancholicus</i> Vieillot, 1819	Siriri	X		
74. <i>Tyrannus savanna</i> (Vieillot, 1808)	Tesourinha	X		
75. <i>Tyto alba</i> Scopoli, 1769	Suindara	X		
76. <i>Vanellus chilensis</i> Gmelin, 1789	Quero-quero	X	X	X
77. <i>Volatinia jacarina</i> Linnaeus, 1766	Tiziu	X		
78. <i>Xolmis cinerea</i> Vieillot, 1816	Maria-branca	X		
79. <i>Zonotrichia capensis</i> Müller, 1776	Tico-tico	X	X	X
	Número de espécies	66	33	20

\*Fonte: SANTOS (1979), SICK (1988) e ANDRADE (1997).

## Anexo 3. Listagem de etnoespécies de aves citadas no Distrito de Florestina (Araguari, Minas Gerais, Brasil).

1. Acauã	21. Curiango	41. Juriti	61. Periquito	81. Tiziu
2. Alma-de-gato	22. Curicaca	42. Linha-roxa	62. Periquito-do-reino	82. Trinca-ferro
3. Andorinha	23. Curió	43. Maracanã	63. Peru	83. Troqui
4. Angola	24. Ema	44. Maracanã-cabeça-de-coco	64. Pica-pau	84. Tubaca
5. Anu	25. Galinha	45. Maritaca	65. Pca-pau-cabeça-vermelha	85. Tucano
6. Anu-branco	26. Sabiá-do-campo	46. Marreco	66. Pca-pau-carijozinho	86. Urubu
7. Anu-preto	27. Ganso	47. Martim-pescador	67. Pinheu	87. Urutau
8. Arara	28. Garça	48. Melrinho	68. Pomba-do-bando	
9. Avestruz	29. Garrincha	49. Melro	69. Rolinha	
10. Azulão	30. Gavião	50. Mulata	70. Sabiá	
11. Beija-flor	31. Graia	51. Mulata-boiadeira	71. Sabiá-laranjeira	
12. Bem-te-vi	32. Gralha	52. Mulatinha	72. Sabiá-peito-roxo	
13. Bicudo	33. Guaxo	53. Mutum	73. Sabiá-peito-branco	
14. Birro	34. Gurricha	54. Papa-capim	74. Sangue-de-boi	
15. Canarinho	35. Inhambu	55. Papagaio	75. Sanhaço	
16. Caracará	36. Inhandaia	56. Pardal	76. Saracura	
17. Codorna	37. Jacu	57. Pássaro-preto	77. Saracura-três-potes	
18. Coleirinho	38. Jaó	58. Pato	78. Seriema	
19. Come-ovo	39. João-de-barro	59. Pavão	79. Tejo	
20. Coruja	40. João-tolo	60. Perdiz	80. Tesoura	